

Comunicação de Risco e Confiança: Práticas no Contexto de Desastres Climáticos¹

Universidade de São Paulo

Resumo

Este estudo investiga como governos podem construir confiança na comunicação de risco em desastres climáticos, considerando o atual cenário de desconfiança institucional. A pesquisa, de abordagem qualitativa, utiliza revisão de literatura e análise interpretativa do Relatório de Avaliação Global da ONU sobre Redução de Risco de Desastres (GAR). Os achados indicam que o conceito de “aterrar” (LATOURET, 2020) – valorização do saber local, participação comunitária e diálogo contínuo – é fundamental para fortalecer a confiança. O GAR incorpora esses elementos ao recomendar diretrizes globais para a comunicação de riscos em desastres.

Palavras-chave

Comunicação de risco; confiança; desastres climáticos.

Introdução

Segundo as Nações Unidas (2021), os desastres climáticos corresponderam a metade dos desastres registrados entre 1970 e 2019, sendo responsáveis por 45% das mortes e 74% das perdas econômicas globais. Nesse cenário, a comunicação de risco é essencial para a preparação e a resposta a crises.

Inicialmente definida pelo Conselho Nacional de Pesquisa dos EUA (NRC, 1989), trata-se de um “processo interativo de troca de informações e opiniões entre indivíduos, grupos e instituições sobre um risco potencial para a saúde humana ou o meio ambiente”. No Brasil, essa função cabe às defesas civis (VICTOR, 2015).

Entretanto, há pelo menos uma década, observa-se um contexto de desconfiança no governo (EDELMAN, 2025). Para Grunig (2011, p. 101), a confiança possui três dimensões: a) integridade, ligada à percepção de justiça; b) confiabilidade, à crença na capacidade de cumprir promessas; e c) competência, à percepção da habilidade organizacional. Assim, a confiança torna-se crítica para a eficácia da comunicação de risco em desastres.

¹ Trabalho apresentado na sessão temática “Comunicação pública e Comunicação de Risco”, atividade integrante do XIX Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e Relações Públicas.

Diante desse desafio, este estudo descritivo de abordagem qualitativa tem como objetivo identificar práticas para a construção e manutenção da confiança na comunicação de risco em desastres climáticos. Para isso, adota-se uma combinação de duas estratégias metodológicas: a revisão de literatura e a análise documental.

A revisão de literatura tem caráter teórico-conceitual, com foco em Comunicação, Sociologia e Estudos sobre Risco. A análise documental concentra-se na edição de 2022 do Relatório de Avaliação Global da ONU sobre Redução de Risco de Desastres (GAR), por ser a mais recente antes das edições especiais e apresentar diretrizes voltadas à comunicação governamental em contextos de risco. Realiza-se uma leitura interpretativa do nono capítulo do relatório para identificar orientações relacionadas à construção da confiança na comunicação de risco e sua possível articulação com o conceito de “aterrar”, de Latour (2020).

A comunicação de risco e a crise de confiança

O Fórum Econômico Mundial (WEF, 2024) aponta eventos climáticos extremos como os principais riscos globais de longo prazo. O fato reforça a noção de “Sociedade do Risco” de Beck (1992), na qual o risco se torna uma constante intensificada pela ação humana. Nesse contexto, a comunicação de risco desempenha um papel essencial ao mediar informações sobre ameaças à saúde, segurança e meio ambiente, promovendo conscientização e participação comunitária na mitigação de impactos (PALENCAR, 2005; COVELLO, SANDMAN, 2009).

Em desastres climáticos, Victor (2015) aponta que a comunicação de risco previne boatos e desinformação, além de facilitar a coordenação entre diferentes atores sociais. Mais do que uma ferramenta, trata-se de um processo dialógico, no qual a confiança reduz a complexidade e orienta decisões, como destaca Luhmann (2010) ao analisar períodos de contingência.

Contudo, a crise de confiança no Brasil é evidente. A pesquisa Edelman Trust Barometer (EDELMAN, 2024), maior relatório sobre confiança no mundo, revela que grande parte dos brasileiros desconfiam que líderes governamentais tentam, na verdade, enganar a população. Essa crise pode ser interpretada à luz da “pós-política”

de Latour (2020, p. 12), que descreve o afastamento das elites da esfera pública e o enfraquecimento dos laços entre cidadãos e instituições.

Como alternativa, Latour (2020) propõe o conceito de “aterrar”: estabelecer raízes profundas em um território, respeitando o ambiente e as relações locais, ao mesmo tempo em que se reconhece a diversidade de perspectivas e formas de existir no mundo. Ao “aterrar”, as instituições podem, enfim, promover a confiança mútua.

A seguir, este estudo investiga se as diretrizes atuais de gestão de riscos para governos incorporam o conceito de “aterrar” de Latour (2020) como ferramenta para construir confiança em contextos de desastres climáticos.

GAR: A confiança na gestão de riscos climáticos

Para essa análise, utiliza-se a edição de 2022 do Relatório de Avaliação Global da ONU sobre Redução de Risco de Desastres (GAR), que visa orientar governos e outras entidades globais na gestão de riscos sistêmicos (UNDRR, 2022, p. 13). O capítulo 9, “Promovendo a comunicação de risco” (tradução nossa²), foco deste estudo, aborda reflexões e as práticas de comunicação de risco recomendadas.

Por meio de busca computacional, foram identificadas 209 menções a “comunicação” no documento, sendo 85 sobre “comunicação de risco”. A palavra “confiança” apareceu 65 vezes, enquanto “emergência climática” e “mudança climática” surgiram 239 vezes, evidenciando a relevância do tema.

O capítulo 9 destaca a importância do saber local e da participação comunitária na gestão de riscos, sugerindo que o diálogo entre governos, especialistas e comunidades pode integrar previsões científicas ao conhecimento local e mitigar tensões culturais (UNDRR, 2022, p. 124). Para conquistar confiança mútua, recomenda-se um diálogo contínuo, transparente e adaptado às prioridades da população, além da valorização dos saberes comunitários e maior inclusão (UNDRR, 2022, p. 126).

Além disso, o relatório enfatiza que a comunicação deve ocorrer preferencialmente antes dos desastres, utilizando estratégias criativas e co-desenhadas com a comunidade, respeitando suas preocupações e realidades

² Em inglês: *Advancing risk communication* (UNDRR, p. 124).

(UNDRR, 2022, p. 127). Também propõe um modelo de diálogo transparente entre especialistas e a população, no qual sejam compartilhadas tanto certezas quanto incertezas, promovendo confiança e participação ativa (UNDRR, 2022, p. 127).

A pesquisa prévia é apontada como essencial para entender os contextos de decisão, desafios e incentivos da comunidade ao lidar com riscos. Esse processo vai além de uma simples escuta, buscando criar oportunidades genuínas para incorporar as preocupações da população na tomada de decisão (UNDRR, 2022, p. 130).

Em síntese, o relatório incorpora o conceito de “aterrar” (LATOUR, 2020) ao priorizar processos dialógicos, participação comunitária e a valorização do saber local na construção da confiança em seus processos de comunicação de risco.

Considerações finais

Este estudo teve como objetivo identificar práticas para construir e manter a confiança na comunicação de risco em desastres climáticos. A pesquisa destacou o “aterrar” (LATOUR, 2020) como vital para esse processo, cujas práticas são consideradas pelo GAR (UNDRR, 2022) em suas diretrizes para governos.

Esse conjunto inclui o diálogo contínuo, participação comunitária, acesso à tomada de decisão, valorização do conhecimento local, pesquisas prévias, transparência e escuta das necessidades locais como fundamentais para promover uma comunicação eficaz em contextos de desconfiança.

No entanto, o cenário de desconfiança é complexo e exige soluções adaptáveis, sendo este estudo um recorte limitado, à luz do conceito de “aterrar” de Latour (2020) e das diretrizes do GAR (UNDRR, 2022). Futuros estudos podem explorar outras orientações disponíveis.

Referências

BECK, U. Risk Society: towards a new modernity. Londres: Sage, 1992.

COVELLO, V.; SANDMAN, P.M. Risk communication: Evolution and Revolution, in Wolbarst A. (ed.) Solutions to an Environment in Peril. Baltimore, MD: John Hopkins University Press, 2001: 164-178.

EDELMAN. Edelman Trust Barometer 2024. Edelman Brasil, 2024. Disponível em: <https://www.edelman.com.br/edelman-trust-barometer-2024>. Acesso em: 22 nov. 2024.

LATOUR, B. Onde aterrar?: como se orientar politicamente no antropoceno. Bazar do Tempo Produções e Empreendimentos Culturais LTDA, 2020.

LUHMANN, N. Introdução à teoria dos sistemas. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

NATIONAL RESEARCH COUNCIL. Improving Risk Communication. Washington: National Academy Press, 1989.

NAÇÕES UNIDAS. Desastres naturais foram responsáveis por 45% de todas as mortes nos últimos 50 anos, mostra OMM. Nações Unidas Brasil. 01 set. 2021. Disponível em: <https://encurtador.com.br/OS2pp>. Acesso em: 15 nov. 2024.

PALENCAR, M. J. Risk communication. In: HEATH R. L. (Ed.). Encyclopedia of public relations. Thousand Oaks, CA: Sage, 2005.

UNITED NATIONS OFFICE FOR DISASTER RISK REDUCTION. Global assessment report on disaster risk reduction 2022. Geneva: UNDRR, 2022. Disponível em: <https://encurtador.com.br/VSwMV>. Acesso em: 23 nov. 2024.

VICTOR, C. Comunicação de riscos de desastres no contexto das mudanças climáticas: muito além do jornalismo. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO. 2015. p. 21-40.

WORLD ECONOMIC FORUM. The global risks report 2024. Geneva: World Economic Forum, 2023. Disponível em: <https://www.weforum.org/reports/the-global-risks-report-2024>. Acesso em: 22 nov. 2024.